da maldade e do despotismo dos grandes patifes antigos e modernos.

Justamente porque impera esta tirania, justamente porque as nossas prisões se estão enchendo de operários, justamente porque se prende sem motivo justificado e se chanfalha desesperadamente, é que todos os trabalhadores devem reagir com energia, salvando os nossos camaradas, vítimas do bloco tirânico dos industriais e proprietários, dos mostres e dos governantes.

A derrota agora dos construtores civis não seria só a derrota desta classe mas a de tôdas as classes em geral. Por isso, que essas classes proclamem a greve geral como desafronta até se conseguir a libertação dos presos e o completo triunfo das classes em luta.

A psicologia do intervencionismo

II

No artigo anterior, expusemos as principais causas externas do movimento «intervencionista» entre os revolucionários sociais, tendo-as visto nas aparências que os acontecimentos e circunstancias da guerra revestiram, sobretudo para os subversivos franceses, contra os quais há a agravante de se terem dado como os fiéis depositários do mais revolucionário internacionalismo, mas em favor dos quais há a atenuante do desastroso exemplo da social-democracia germânica.

Não temos, porêm, que considerar apenas essas causas externas. Como nas epidemias, além do agente patogénico, há o terreno de cultura, o organismo mais ou menos predisposto e mal defendido. Pondo de lado as questões de temperamento e de sentimentalismo preponderante, falemos das predisposições intelectuais.

A' semelhança do Portugal de hoje, que se queda extático e beatífico na contenda das «glórias do passado» e dos restos do «nosso património», do Portugal que vive da tradição velha e inerte dos descobrimentos e conquistas, a França popular padece o culto da «tradição revolucionária» e da Grande Revolução. Formou-se assim uma espécie de patriotismo, de orgulho nacional revolucionário, em que colaboram aliás estrangeiros com a sua adoração entusiástica, e que acaba por se resolver numa contradição, tornando-se anti-revolucionária e servindo de instrumento aos governos hábeis, que invocam a defesa das liberdades conquistadas e tradicionais para estímulo poderoso das suas empresas guerreiras. Para nós, o único «patriotismo» revolucionário possível é ter o govêrno próprio como o pior de todos e combatê-lo mais do que a todos.

Fora de França, sente-se também o prestigio daquela tradição revolucionária, sobretudo nos países que mais sofrem a influência francesa e nos espíritos embevecidos no estudo da Grande Revolução, que inaugurou os tempos burgueses e que é tida como o modêlo clássico, adaptável a tôdas as épocas e condições sociais. E' já chapa consagrada, convencendo pela própria repetição, que a França é o berço de tôdas as revoluções; e dela se espera, como dum messias, o novo gesto libertador.

Mesmo independentemente de considerações teóricas sôbre as conseqüências duma vitória germânica, a profunda simpatia intelectual inspirada pela Franca, especialmente em momentos de grande crise, é bastante para levar muitos espíritos a confundir o povo com o Estado e uma guerra de interesses populares; e depois teorizava-se o instintivo impulso.

Em muitos ainda, talvez na maioria, o intervencionismo achou terreno predisposto no que podemos chamar uma «mentalidade democrática» ou reformista.

Para a grande massa, bastam as aparências mais grosseiras e exteriores, como a forma republicana da França centralizada, burocrática e militarista.

Quanto aos sociais-democratas, aos socialistas legalitários, parlamentares ou estatistas, que só o concebiam agindo e realizando-se com e pelo Estado, que eram interestatistas em vez de internacionalistas e admitiam as guerras defensivas do Estado, não é para surpreender grandemente que se tenham mostrado mais democratas do que socialistas, que tenham sufocado o socialismo com o colete de fôrças da política estatal. O que, pelo contrário, admira e alegra é que se tenham mantido fiéis ao socislismo ainda tantos socialistas, dando-nos a esperança de renovação.

O intervencionismo anarquisto, que felizmente só atingiu uma minoria, formada quase tôda de intelectuais, é mais difícil de explicar pela mentalidade democrática dos atingidos; mas em muitos não deve tampouco excluir-se êsse factor.

Com efeito, muitos só se consideravam anarquistas porque, como tanta gente de todos os partidos, concebiam no futuro uma sociedade sem amos nem Estado e porque, por honestidade de carácter, como a tantos sucede, sentiam invencível nojo pela política parlamentar. Mas não compreendiam a essência do metodo de acção anarquista, que é o que verdadeiramente nos distingue de todos os partidos; não concebiam claramente o mecanismo íntimo da evolução social e o modo de a determinar ou acelerar no sentido libertário.

Eram democratas ou reformistas que se ignoravam, ou quando muito, *republicanos libertários*, para adoptar uma expressão favorita de Malato, o qual, na verdade, tinha mostrado várias vezes que nunca foi muito além da concepção e sobretudo da prática aepublicana.

Cartas subversivas

A uma professora

Sei que você considera como proeminente a função que a mulher exerce no campo educativo, quer educando os seus filhos ou os de outrem, dada a discussão que tivemos sôbre o assunto.

Pois eu, embora tenha a maior admiração por essa função que a mulher exerce na sociedade, como já lhe fiz sentir, não posso, segundo o meu critério, deixar de considerar como mais proeminente a função que ela exerce no campo económico-social. E mercê do acaso, temos um facto bem recente, que só vem corroborar a minha asserção: é o movimento reivindicador da classe das costureiras do Pôrto, no qual se patenteou claramente o valor da mulher no campo acima mencionado. Essa legião de jovens, donairosas e galhardas, que víamos atravessar a cidade, despreocupadas da escravidão em que vivem nos *ateliers*, desconhecedoras dos seus direitos de trabalhadoras, uma vez lançadas nêsse baluarte de defesa dos oprimidos e explorados do insaciável e absorvente capitalismo, a Associação, conseguiram levar à prática um dos mais belos, dos mais enérgicos e dos mais profícuos movimentos que tem sido dado às classes trabalhadoras encetar em prol das suas regalias, dos seus direitos postergados através de tantos séculos. A heróicidade, a abnegação que as costureiras puseram no seu movimento, a contrastar com a selvageria e a covardia dos janízaros da polícia e da guarda republicana, que o procuravam sufocar às ordens do capitalismo imperante, fizeram evocar no meu espírito o papel das mulheres na Revolução Francesa de 1793. Oh! algumas vezes supuz estar passando pela minha vista as figuras belas, moças e ardentes de Rosa Lacombe, Pierrete Chabry, Regina Andu e Théroigne de Méricourt, que Luiz Blanc nos fala nas suas páginas brilhantes da História da Revolução Francesa. Sim, aquelas jovens trabalhadoras revoltadas contra a infame exploração de que eram objecto, vieram até à praça pública pugnar pelos seus direitos, fazendo frente à fôrça armada que pretendia abafar os seus clamores de justiça e liberdade. Nada as atemorisava, nada as fazia hesitar na senda que tinham traçado: — libertar-se da tirania, da exploração que pesavam sôbre elas nos *ateliers*. Nem os terçados da polícia, nem as patas dos cavalos da guarda republicana e nem até a prisão: — a tudo resistiam! Que estoicismo, minha amiga, presidiu a estas heroínas, que deixam vinculada a sua acção nos anais do proletariado. Não será, pois, mais dignificadora, mais altruista, mais alevantada esta função da mulher, intervindo nas lutas económico-sociais? Creio que sim.

E por isso, é para essas lutas que as mulheres devem convergir, porque só as eleva e lhes vai aplanando o escabroso caminho da sua emancipação. Ora ainda terá dúvidas acerca disto? Se tem, é devido a essa educação arcaica e poirenta que recebeu e que, portanto, lhe antolha a luz clara da razão. Mas faça por se libertar dela, raciocinando, porque assim libertará o seu espírito dos meandros do empirismo, e por conseqüência, poderá vir a ser útil à humanidade. E' uma questão de vontade, visto que a vontade tudo pode; e para isso não necessita de muito esfôrço, porque sei que é dotada duma elevada intuição das coisas a par de uma cultivada inteligência; portanto, está ao seu alcance ser uma prosélita do meu ideal.

MAGALHÃES JÚNIOR.

Reaparece em 1.º de janeiro

A SEMENTEIRA

Mensario ilustrado
Critica e sociologia

AVULSO, 2 CENT.

Correspondência, colaboração, etc., pode ser enviada desde já para o

CAIS DO SODRÉ, 88
Lisboa — Portugal